

A EDUCAÇÃO COMO VETOR DE PROBLEMATIZAÇÃO DOS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

EDUCATION AS A VECTOR FOR PROBLEMATIZING YOUNG PEOPLE'S LIFE PROJECTS: A LITERATURE REVIEW

LA EDUCACIÓN COMO VECTOR PARA PROBLEMATIZAR LOS PROYECTOS DE VIDA DE LOS JÓVENES: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Rosane Castilho¹
Fabiana Custódio e Silva²
Edson José de Souza Júnior³

RESUMO: Objetivou-se, com esse estudo, revisar a literatura sobre a temática “Projeto de Vida” em articulação com a Educação, a partir de um recorte temporal específico entre 2014 e 2024, destacando os estudos publicados nas bases *Scielo* Brasil e DOAJ, utilizando os descritores “Projeto de Vida”, “Educação” e “Jovens”, tendo por base teórico-epistemológica a problematização das discussões a partir dos campos da Educação, da Psicologia e da Sociologia. Foram selecionados 14 artigos, o que permitiu agrupar os achados em quatro perspectivas: identidade, interesses e motivações; o lugar da escola; formação de família, valores e propósito e políticas públicas governamentais. Os resultados indicam que há uma convergência entre os estudos, tanto no que concerne à leitura dos jovens sobre os desafios na construção de trajetórias que respondam a anseios de ordem individual e coletiva, e ainda quanto à compreensão dos docentes no que concerne aos sentidos e significados associados aos Projetos de Vida, embora denunciem a instrumentalização associada ao tema, imposta pelos currículos escolares. Apesar de reconhecer a limitação metodológica desse estudo, considera-se que a síntese alcançada a partir dos materiais analisados possa vir a contribuir para problematizar as discussões, sem, contudo, buscar esgotar os achados sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Projeto de Vida. Educação. Psicologia. Sociologia. Jovens.

ABSTRACT: The aim of this study was to review the literature on the theme of Life Project in relation to Education, considering the period from 2014 to 2024. The review focused on studies published in the SciELO Brazil and DOAJ databases, using the descriptors *Life Project*, *Education*, and *Youth*. The theoretical and epistemological framework was grounded in discussions from the fields of Education, Psychology, and Sociology. A total of 14 articles were selected, allowing the findings to be organized into four perspectives: identity, interests, and motivations; the role of the school; family formation, values, and purpose; and public government policies. The results indicate convergence among the studies regarding both young people's perceptions of the challenges involved in constructing life trajectories that address individual and collective aspirations and teachers' understanding of the meanings and significance associated with Life Projects. However, the studies also reveal concerns about the instrumentalization of the concept, driven by school curricula. Although the methodological limitations of this review are acknowledged, the synthesis of the analyzed literature is expected to contribute to critical discussions on the topic without claiming to exhaust the existing knowledge on the subject.

Keyword: Life Project. Education. Psychology. Sociology. Youth.

¹ Pós-doutora. UEG - Universidade Estadual de Goiás.

² Mestre. UEG Universidade Estadual de Goiás.

³ Mestre. Universidade Estadual de Goiás.

RESUMEN: El presente estudio tuvo como objetivo revisar la literatura sobre la temática Proyecto de Vida en articulación con la Educación, considerando el período comprendido entre 2014 y 2024. Para ello, se analizaron los estudios publicados en las bases de datos SciELO Brasil y DOAJ, utilizando los descriptores *Proyecto de Vida*, *Educación* y *Jóvenes*. Como fundamento teórico-epistemológico, se problematizaron las discusiones desde los campos de la Educación, la Psicología y la Sociología. Se seleccionaron 14 artículos, lo que permitió organizar los hallazgos en cuatro perspectivas: identidad, intereses y motivaciones; el papel de la escuela; formación de la familia, valores y propósito; y políticas públicas gubernamentales. Los resultados evidencian una convergencia entre los estudios, tanto en lo que respecta a la percepción de los jóvenes sobre los desafíos de construir trayectorias que respondan a aspiraciones individuales y colectivas, como en la comprensión de los docentes acerca de los sentidos y significados asociados a los Proyectos de Vida. No obstante, los estudios también ponen de manifiesto la instrumentalización del tema impuesta por los currículos escolares. Aunque se reconoce la limitación metodológica de este estudio, se considera que la síntesis elaborada a partir de los materiales analizados puede contribuir a problematizar las discusiones sobre el tema, sin pretender agotar el conocimiento existente al respecto.

Palabras Clave: Proyecto de vida. Educación. Psicología. Sociología. Juventud.

INTRODUÇÃO

Os Projetos de Vida são compreendidos como horizontes reflexivos associados às aspirações e às possibilidades de construção do futuro. Nessa perspectiva, José Machado Pais (2012) chama a atenção para os desafios enfrentados pelas juventudes diante de um “futuro sombrio” e de um “presente deficitário de esperança”, evidenciando que as trajetórias juvenis são atravessadas por múltiplas incertezas sociais, econômicas e culturais. Esse cenário tem contribuído para que, nas últimas décadas, a temática dos Projetos de Vida assuma crescente relevância, especialmente no campo da Educação, em razão das transformações socioculturais que marcam as juventudes contemporâneas e das discussões acerca da construção da identidade, considerando tanto os aspectos compartilhados quanto os marcadores das diferenças produzidos por uma realidade social historicamente marcada por desigualdades estruturais.

Estudos desenvolvidos por Alves e Dayrell (2015) e Castilho (2021) indicam que a construção dos Projetos de Vida constitui um processo complexo, permeado pela elaboração da identidade, dos valores, dos interesses e das motivações dos jovens. Tais elementos, amplamente discutidos em diferentes abordagens da Psicologia, articulam-se à capacidade de projetar possibilidades concretas de ação diante das condições objetivas de existência. Nessa perspectiva, o conceito de agenciamento compreende processos dinâmicos pelos quais os sujeitos interpretam seus contextos, mobilizam recursos e constroem estratégias para orientar suas escolhas e trajetórias.

Nesse processo, a escola assume papel central por constituir um espaço privilegiado de socialização, produção de sentidos e formação crítica. Para além da transmissão de conhecimentos, a instituição escolar pode favorecer a reflexão ética, o reconhecimento das

singularidades e a ampliação das possibilidades de elaboração dos Projetos de Vida, funcionando como espaço de construção de referências que possibilitem aos jovens compreenderem sua realidade e projetarem diferentes horizontes de futuro.

Entretanto, diversos estudos apontam que esse potencial educativo nem sempre se concretiza. Francisco e Lopes (2024) e Costa e Alberto (2021) destacam a existência de lacunas entre as experiências vividas pelos jovens — especialmente aqueles inseridos em contextos de vulnerabilidade social — e os discursos produzidos pela escola e pelas políticas educacionais. Nessa direção, observa-se que os Projetos de Vida frequentemente são reduzidos a perspectivas de escolha profissional ou de continuidade dos estudos, desconsiderando dimensões igualmente relevantes, como pertencimento, vínculos familiares, cidadania, participação social, valores e construção de propósitos existenciais.

No contexto da educação brasileira, os Projetos de Vida passaram a ocupar posição de destaque nos currículos escolares, sobretudo após a implementação do Novo Ensino Médio, sendo compreendidos como estratégia pedagógica voltada à promoção da autonomia, da reflexão crítica e da construção de trajetórias pessoais e profissionais. Contudo, a efetivação dessa proposta apresenta importantes desafios, uma vez que as aspirações dos jovens, especialmente daqueles pertencentes às classes populares, frequentemente entram em conflito com condições concretas marcadas pela desigualdade social, pela precarização das oportunidades e pela limitação do acesso a direitos fundamentais.

3

Nesse cenário, a incerteza e a desigualdade estrutural exigem que os jovens mobilizem estratégias de adaptação, construam referências e redefinam continuamente seus objetivos. A escola, por sua vez, assume um papel ambivalente: ao mesmo tempo em que representa uma importante possibilidade de mobilidade social e ampliação de oportunidades, pode também reproduzir expectativas normativas que restringem os Projetos de Vida às demandas do mercado de trabalho, limitando seu potencial emancipatório e crítico.

Sob essa perspectiva, Mendonça et al. (2018) ressaltam que o devir constitui elemento central na construção dos Projetos de Vida, exigindo esforço contínuo na busca por autonomia e reconhecimento, ainda que permeado por conflitos decorrentes das condições sociais mais amplas. Para alguns jovens, o devir está associado ao exercício da cidadania, à transformação social e à participação coletiva; para outros, representa uma busca individual por melhores condições de vida, envolvendo dimensões como educação, trabalho, políticas públicas, segurança, pobreza e inserção em projetos sociais. Essa diversidade evidencia que os Projetos de Vida constituem fenômeno multifacetado, cuja compreensão exige considerar simultaneamente as relações entre subjetividade, contexto social e instituições.

Embora a produção científica acerca dos Projetos de Vida tenha crescido significativamente na última década, observa-se que os estudos encontram-se distribuídos em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na Educação, Psicologia e Sociologia, privilegiando enfoques diversos e referenciais teórico-metodológicos distintos. Essa diversidade, embora enriqueça o campo, dificulta uma visão integrada sobre os principais eixos investigativos, as convergências entre os estudos e as lacunas que permanecem na produção científica. Além disso, a crescente centralidade atribuída aos Projetos de Vida nas políticas educacionais brasileiras torna pertinente compreender como essa temática vem sendo problematizada pela literatura científica.

Diante desse contexto, emerge o seguinte problema de pesquisa: como a produção científica publicada entre 2014 e 2024 tem abordado os Projetos de Vida na interface com a Educação e as juventudes, e quais perspectivas analíticas, convergências e lacunas podem ser identificadas nesse conjunto de estudos? Assim, este estudo tem por objetivo revisar a literatura científica sobre a temática dos Projetos de Vida em articulação com a Educação, considerando o período de 2014 a 2024, a partir dos estudos publicados nas bases SciELO Brasil e DOAJ. Busca-se identificar os principais enfoques adotados pelas pesquisas, sintetizar os aspectos recorrentes discutidos pelos autores e evidenciar convergências e lacunas que possam contribuir para o avanço das discussões sobre o tema.

MÉTODO

O presente estudo buscou entre os meses de maio e junho de 2025, nas bases de dados SCIELO Brasil e DOAJ (Diretório de periódicos de acesso aberto), artigos entre os anos de 2014 e 2024, no idioma português, que discutissem a temática Projeto de Vida, com intersecção com as áreas da Educação, Psicologia e Sociologia. Foram utilizados os descritores “Projeto de Vida”, “Educação” ou “Escola”, “Juventudes” ou “Jovens”, combinados por operadores booleanos AND e OR.

Foram adotados como critérios de inclusão os estudos que apresentavam foco na temática “Projeto de Vida”, independentemente da metodologia e das técnicas de coleta de dados utilizadas; publicação nos periódicos escolhidos e no período elencado previamente; estudos com bases teórico-epistemológicas voltadas para a Educação, a Psicologia e a Sociologia. Excluíram-se os estudos nas plataformas não selecionadas, em idiomas além do português, artigos não acadêmicos, artigos utilizando as terminologias “adolescentes” ou “pandemia”, bem como monografias, dissertações e teses.

Após a leitura de títulos e resumos, 22 artigos foram inicialmente identificados como passíveis de compor o estudo, embora a filtragem posterior tenha apontado para um distanciamento da problematização associada à temática em questão. Assim, desses estudos identificados inicialmente, após análise, 14 atenderam aos critérios de elegibilidade e foram submetidos à leitura completa. Os estudos foram analisados a partir de aspectos temáticos, o que permitiu agrupar os achados em quatro perspectivas: (1) identidade, interesses e motivações; (2) o lugar da escola; (3) formação de família, valores e propósito e (4) políticas públicas governamentais.

Quanto aos aspectos éticos, por se tratar de uma revisão de literatura com base em dados publicados em revistas indexadas, não se identificou a necessidade de submissão ao Comitê de ética em pesquisa das instituições às quais estes pesquisadores estão filiados. Embora reconheça-se a limitação metodológica, identificada pela restrição às bases de dados e ao idioma selecionado, o que pode ter levado à exclusão de estudos relevantes publicados em outras fontes, considera-se que a síntese alcançada a partir dos estudos analisados possa vir a contribuir para problematizar as discussões, sem, contudo, buscar esgotar os achados sobre o tema em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse estudo, optou-se por realizar um levantamento descritivo dos achados de pesquisa, no que tange aos Projetos de Vida dos jovens, tendo o campo da educação como locus privilegiado de problematização, e apresentados a partir de quatro distintas perspectivas a seguir:

1. **Identidade, interesses e motivações**

Arantes e Pinheiro (2021) realizaram pesquisa com 560 jovens nas 5 regiões do país, analisando dados a partir da teoria dos modelos organizadores. No que se refere à motivação, as pesquisadoras informaram que entre os 178 participantes para os quais o modelo organizador 1 foi aplicado, os jovens não apresentaram expectativas significativas ou uma perspectiva clara de seu papel no mundo. Assim, não se mostraram motivados a imaginar a vida a longo prazo, por perceberem uma distância considerável entre o futuro ideal e a sua realidade cotidiana. Entre os 178 participantes para os quais foi aplicado o modelo organizador 1, os jovens não demonstraram expectativas significativas ou uma perspectiva clara de seu papel no mundo. Consequentemente, não se mostraram motivados a projetar a vida a longo prazo. Contudo, a imprevisibilidade e a instabilidade contemporâneas impõem desafios para conceber projetos de

longo prazo. O Projeto de vida, nesse cenário, serve como um guia para escolhas que buscam significados duradouros, que superem interesses imediatos.

Francisco e Lopes (2024) não apresentam suas considerações a partir de uma pesquisa de campo, mas da relação com a disciplina “Projeto de vida”, ofertada no ensino médio pela via do documento normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No que se refere à identidade, interesses e motivações, os autores informam que, nos momentos de discussão oportunizados na disciplina, a identidade dos jovens, pode também ser pensada a partir do conceito de vocação, de inclinação pessoal a partir de potencialidades individuais, não obstante a realidade que se apresenta, com seus desafios e particularidades. Desafios esses que podem vir a impactar na visualização de projetos futuros, de longo prazo.

Alves e Dayrell (2015), em estudo com jovens do meio rural, informam que os jovens não percebiam, no ambiente em que viviam e identificado como hostil, formas de garantir uma identidade. Os pesquisadores atentam para a diversidade e heterogeneidade do grupo pesquisado e, a partir dela, distintas formas de “se enxergar” no mundo, bem como distintas estratégias para vislumbrar um projeto de vida pessoal. Dentre essas estratégias foi relatado o mimetismo, o desejo por imitar figuras com uma imagem considerada positiva, cujo sucesso pessoal é almejado. Para os jovens pesquisados, em geral, essas figuras não se encontrariam no meio rural e seriam “um ponto fora da curva”, tais como jogadores de futebol ou atores nacionalmente conhecidos.

6

Costa e Alberto (2021) ao realizarem estudo com jovens integrantes do programa de acompanhamento a egressos de medidas socioeducativas, observaram que a identidade dos jovens nessa condição é permeada pelo estigma do delito. Ao não se reconhecerem no quadro de valores socialmente aceito, os jovens veem no grupo a possibilidade do pertencimento, o que os mantém vulneráveis quanto ao desejo de mudança e à construção de um projeto de vida que envolva novos aspectos, distintos de sua realidade material.

Oliveira e Silva (2024), em estudo com egressos do ensino médio, buscaram investigar os sentidos formativos presentes na construção dos projetos de vida das juventudes ao longo de cinco décadas e sustentam que, no que tange à identidade, interesses e motivações, os respondentes citaram o esporte e o teatro como referência para a construção de sua identidade, enfatizando a determinação e a criatividade como aspectos a considerar. O grupo de amigos também foi citado como fonte de acolhimento e pertença no qual poderiam expressar suas angústias e desafios cotidianos. No que concerne aos valores, os respondentes informaram disciplina, coragem e comprometimento.

Para Silva e Danza, (2022) a identidade pode ser entendida como um processo dinâmico de exploração e comprometimento com valores, papéis e ideologias. Estes autores fazem uma distinção entre identidade pessoal (autocompreensão) e social (pertencimento a grupos). Os jovens tendem a interessar-se por uma organização de seus projetos de vida em torno da família e da carreira profissional, refletindo suas principais fontes de significado. Já no contexto motivacional, percebe-se uma baixa incidência de motivações morais e sociais, como por exemplo a cidadania e o compromisso coletivo, porém quando estes estão presentes, eles se tornam o núcleo organizador do projeto de vida. Há uma defesa na própria educação em favorecer a exploração pessoal e autonomia, permitindo aos jovens a construírem sua própria identidade e propósitos de forma consciente.

Os autores Santos, Costa e Pasqualli (2023), enfatizam a pluralidade das identidades juvenis, moldadas por gênero, classe, território e cultura. Para estes autores, os jovens são vistos como sujeitos em construção, situados entre o “ser” e o “vir a ser”. O interesse dos jovens é percebido através das preocupações que giram em torno da autonomia, pertencimento e reconhecimento social. No âmbito motivacional, as juventudes expressam os seus desejos em um processo de busca por mudança e participação social, devendo ser considerado também as suas incertezas quanto às possibilidades reais de concretização de seus projetos.

Vieira e Dellazzana – Zanon, (2022), abordam a identidade como um estágio extracurricular que irá atuar como espaço de transição para a adultez, ajudando jovens a consolidar uma identidade profissional e pessoal. Os interesses dos jovens são percebidos com uma inserção no mercado de trabalho, que a centralidade no autoconhecimento e no senso de competência. No aspecto motivacional, o estágio é visto como um meio de afirmação da autonomia e da construção de propósitos, que irão favorecer decisões mais maduras e realistas sobre o futuro.

Sales e Vasconcelos, (2016) consideram que os jovens formam sua identidade entre o ideal de “cidadãos autônomos” proposto pela escola e a realidade de exclusão e precariedade em seus territórios. No âmbito do interesse desses jovens tem-se a formação profissional e o ingresso no ensino superior que são metas frequentes que eles adotam, embora, muitas vezes se choquem com as limitações do mercado de trabalho. No que se refere ao contexto motivacional, as escolas profissionalizantes incentivam os sonhos de ascensão social, porém há frustração quando os projetos se mostram distantes. As motivações são, portanto, ambíguas entre esperança e desilusão, revelando uma tensão entre educação e empregabilidade.

Castilho, (2021), considera o contexto da identidade, que os jovens periféricos a constroem, cercados por grandes desigualdades e por uma sensação de pertencimento territorial,

negociando constantemente entre a exclusão social e o desejo de reconhecimento. O interesse deles, destaca o trabalho e a sobrevivência como focos centrais, com a escola representando um espaço simbólico de esperança e mobilidade social. Assim, a motivação que predomina é o desejo de “ser alguém”, de conquistar autonomia e dignidade frente às adversidades. As motivações são moldadas pelas condições materiais e pelas experiências de resistência e solidariedade comunitária.

Para Klein e Arantes (2016), a construção do Projeto de Vida para a juventude é um processo intimamente ligado à busca por identidade, interesses e motivações, sendo a adolescência considerada uma fase de grande potencial para essa elaboração, contudo, a sua efetivação não ocorre de forma espontânea, mas se estabelece a partir de interações sociais, podendo ser positivamente mediada pela instituição escolar.

Arantes e Pinheiro (2021), em pesquisa com 560 jovens nas 5 regiões do país, destacam que a motivação se manifesta na busca por uma vocação que concilie aspectos individuais e sociais, pavimentando um caminho para a participação ativa na sociedade e para a satisfação pessoal. Já Lopes (2024), ao analisar os discursos que envolvem o Projeto de Vida, argumenta que envolvem a tentativa de instituir uma harmonia social pela articulação da racionalidade neoliberal com demandas ultraconservadoras, visando gerenciar as escolhas dos jovens.

2. O lugar da escola

Francisco e Lopes (2024) sustentam que apesar de todo o esforço reflexivo e de organização teórica realizado pela escola ao inserir a disciplina “projeto de vida” no currículo, observa-se uma certa dessemelhança entre a proposta e o cenário, que tende a propor a substituição dos anseios pessoais dos jovens das classes populares pela adaptação às demandas externas. Nesse sentido, a superação da desigualdade, também uma questão educacional, é colocada em xeque, à medida que, mesmo com a apropriação dos saberes, os jovens terão que lutar contra a desigualdade de oportunidades de seu entorno social.

Alves e Dayrell (2015) informam que os jovens do meio rural pesquisados viam na escola uma possibilidade de mobilidade social e livrar-se de um futuro indesejado, um futuro que viesse a reproduzir as mazelas da dura vida no campo. A escola seria, assim, um ambiente passível de prepará-los para outra realidade, diversa à vivida, embora não considerassem a condição de professor algo passível de ser admirado ou reconhecido socialmente.

Costa e Alberto (2021) informam que os jovens pesquisados percebem a escola, ou os programas educacionais, a partir de dois vieses: a educação formal, antes do encontro com o

delito, era vista como algo entediante e com baixa produção de sentidos. Inseridos no programa de acompanhamento aos egressos de medidas socioeducativas, os jovens relataram a importância da participação, já que as atividades eram vistas como fundamentais para o afastamento dos atos infracionais, para a aquisição de novas competências e ainda por impulsionar a formação de novos interesses, considerada pelos pesquisadores como força motriz do desenvolvimento psicológico.

Oliveira e Silva (2024), informam que os respondentes se referiam à escola como um espaço de aprendizado e socialização, mas também de dores como a expulsão escolar e de uma situação de suicídio ocorrido na escola e que contou com o acolhimento do psicólogo escolar e de alguns professores. Os respondentes informaram que, apesar de identificar a escola como um vetor de normas sociais convencionadas, para eles, o espaço escolar também se configurava como um vetor de transformação e de construção de seus projetos de vida.

Arantes e Pinheiro (2021) sustentam que as intervenções educacionais podem vir a favorecer o desenvolvimento de metas mais significativas com vistas a gerar tanto a transformação no âmbito pessoal, quanto o impacto na realidade em que vivem, embora os modelos organizadores aplicados na pesquisa com os jovens não tenham discutido diretamente o lugar da escola em seus projetos de vida.

Para Silva e Danza, (2022), a escola é apresentada como instituição central de socialização e desenvolvimento psicossocial, tendo papel crucial na formação da identidade e do projeto de vida. Deveria oferecer ambientes de autoconhecimento, reflexão ética e construção de sentido, articulando valores pessoais e sociais. Propõe que o trabalho pedagógico com projeto de vida precisa favorecer a autonomia, o protagonismo e a narrativa pessoal dos estudantes, permitindo que construam identidades coerentes e propósitos significativos. Enfim, A escola tem potencial de ser mediadora ativa da formação identitária e moral dos jovens, mas frequentemente opera de modo superficial, sem explorar sua função formativa integral. Tendo como papel o espaço de construção teórica e prática da identidade e do propósito, com um impacto de promover uma autonomia e reflexão ética.

Santos, Costa e Pasqualli, (2023), sustentam que a escola é descrita como espaço de construção humana e empoderamento. As práticas escolares que favorecem o diálogo e a reflexão fortalecem o sentimento de pertencimento e a confiança dos jovens em seus próprios projetos. O ambiente escolar pode compensar parcialmente desigualdades sociais, desde que promova escuta ativa e protagonismo juvenil. Contudo, quando a escola está centrada no estudante e no diálogo, atua como principal mediadora do desenvolvimento identitário e

motivacional, tornando-se um espaço de emancipação e empoderamento. O grande papel da escola é trabalhar o emponderamento, reforçando que o impacto socializador é gerar a autoestima, participação e a cidadania.

Vieira e Dellazzana – Zanon, (2022), informam que a escola aparece como uma continuidade do processo de socialização juvenil, ajudando jovens a transitar para a vida adulta. O espaço educacional universitário é visto como instância de amadurecimento, autoconhecimento e tomada de decisões, funcionando como ponte entre a formação e o mundo do trabalho. A escola/universidade ajuda as jovens a desenvolver autonomia e autopercepção como adultas, ampliando sua agência e senso de propósito. Portanto, A universidade, enquanto instituição socializadora, exerce impacto direto na identidade profissional e autonomia pessoal, sendo o cenário privilegiado de construção de sentido e propósito. Destaca-se o papel da escola na transição à adultez e identidade profissional, contendo como um impacto a consolidação do autoconhecimento e autonomia.

Sales e Vasconcelos, (2016), estas autoras abordam que o lugar da escola é trabalhado de forma articulada com a formação humana, trabalho, cultura e cidadania, funcionando como instituição socializadora intencional que tenta unir formação técnica e emancipação pessoal. Entretanto, as autoras revelam uma contradição: embora a escola incentive sonhos e autonomia, as condições sociais e o mercado de trabalho restrito geram frustração e desilusão. A escola é, portanto, um espaço de esperança, mas também de conflito entre expectativas e realidade. Percebe-se que o papel da escola é gerar um campo de formação técnica e humana, cujo impacto social é a ampliação de horizontes, que enfrentará algumas barreiras sociais.

Castilho, (2021), explora que a ambiguidade do espaço da escola, com a esperança e a frustração. Destaca que a escola nem sempre dialoga com as realidades culturais e econômicas dos jovens, o que limita seu impacto emancipador. Apesar disso, para muitos estudantes, ela representa o principal canal de acesso simbólico e prático ao futuro — o local onde se imagina “ser alguém”. Porém, nas periferias tem papel socializador decisivo, mas precisa reconhecer os saberes, culturas e trajetórias dos jovens para cumprir seu papel de promotora de projetos de vida possíveis e dignos. Considera-se que o papel da escola é de ser um refúgio, com possibilidades de ascensão. O que gera como um impacto o sentimento de exclusão e esperança.

Klein e Arantes (2016) afirmam em seu estudo que a escola, historicamente, desempenha um papel central na socialização juvenil, preparando o indivíduo para a vida adulta e o futuro. Em pesquisa com 305 estudantes do Ensino Médio da cidade de São Paulo, constataram que 81% dos participantes reconhecem a contribuição da escola para seus Projetos de Vida. As principais formas de contribuição citadas incluem: as atividades que acontecem em sala de aula (22% dos

relatos), a animação cultural (15%) e os projetos temáticos (14%). A principal justificativa para a contribuição da escola é o preparo para o futuro (23%), seguido do convívio social e responsabilidade (16%) e a preparação para o vestibular/continuidade dos estudos (10%). No entanto, 25% dos estudantes não relataram uma situação escolar significativa para seus Projetos de Vida. Assim, concluem que, apesar de a escola, por vezes, focar excessivamente no futuro, relegando o presente do aluno a um espaço de negação, ela ainda se apresenta como um ambiente onde o jovem pode identificar seus desejos e aspirações

Por outro lado, Lopes (2024) critica a forma instrumentalista e técnica como o Projeto de Vida tem sido proposto no currículo, que, em sua visão, pode estar a serviço de um projeto de sucateamento e manutenção da desigualdade social. Oliveira e Silva (2024), por sua vez, sustentam que as políticas curriculares contemporâneas dedicadas à escolarização das juventudes falham ao privilegiar aspectos como a individualização e a responsabilização dos sujeitos por seus percursos de vida, incrementando a importância das estratégias de desenvolvimento de habilidades e competências e passando ao largo das discussões acerca das demandas juvenis e dos desafios inscritos em seus contextos de vida.

3. Formação de família, valores e propósito

No que se refere à formação de família, valores e propósito, Arantes e Pinheiro (2021) informam entre os 107 participantes, para os quais o modelo organizador 4 foi aplicado, foi identificado um desejo de combinar perspectivas pessoais às da família, desvelando um senso de dever em relação à felicidade desse grupo social, associado ainda às escolhas a concretizar no que se refere ao seu propósito pessoal.

Francisco e Lopes (2024) sustentam que as discussões com os jovens na disciplina “projeto de vida” discutem a questão da formação de uma família inserida no conceito de destino. Acerca desse tema, os pesquisadores apontam para a construção de suas trajetórias, realizando escolhas e ainda reproduzindo a ordem natural das coisas, a partir de suas experiências pessoais e familiares. Assim os rumos também envolvem a formação de par e a criação de filhos, entre outros, marcados por um destino de nascença, uma vida concreta herdada do entorno, um limitador que tanto pode ser aceito com resignação, quanto combatido em nome de escolhas biográficas distintas.

Alves e Dayrell (2015) informam que os jovens pesquisados, em especial as jovens do sexo feminino, viam a formação da família como um fardo. “Casar e ficar em casa cuidando de filhos e marido” seria o avesso do futuro ideal para elas. Também a recusa da maternidade ou paternidade indesejadas e precoces foram citadas pelos jovens como algo passível de impactar fortemente seus projetos de vida. Para os jovens pesquisados, as escolhas associadas ao

casamento e à formação de família deveriam ser refletidas com base na responsabilidade, na divisão de tarefas, na dignidade e no respeito mútuos.

Costa e Alberto (2021), no estudo com jovens egressos de medidas socioeducativas, o tema da formação de família foi tangenciado como desejo, pela ordem natural das coisas, mas algo que chama a atenção quanto à decisão de ressignificar a condição do conflito com a lei é o lugar da mãe como figura de referência e para a qual os jovens relataram o desejo de honrar, alterando o curso de suas vidas.

Oliveira e Silva (2024), em seu estudo, não colocaram em discussão o anseio pela formação de uma família, embora o senso de propósito tenha permeado as narrativas dos entrevistados. Embora reconhecendo que o projeto de vida envolve uma construção não linear e permeada por adversidades, lidar com as provas cotidianas envolvia um senso de propósito, um compromisso com o dever, que também partia de um “incômodo com o mundo”. Assim, o senso de propósito também carregava o anseio por transformação social e “disposição de ação e luta”.

No que diz respeito a formação de família, valores e propósito, Silva e Danza (2022) informam que a formação da família constitui um dos principais domínios do projeto de vida na juventude, ao lado do trabalho e dos estudos. A construção de uma vida familiar é entendida como manifestação de estabilidade e continuidade identitária um modo de concretizar valores pessoais. Contudo, deve-se destacar, que a formação de família deve ser fruto de reflexão e propósito, não mera reprodução de padrões sociais. Sobre os valores, estes são considerados como um sistema psicológico que sustenta a identidade e o projeto de vida. Defende que a escola precisa ajudar o jovem a reconhecer, hierarquizar e alinhar valores pessoais e éticos (autonomia, solidariedade, responsabilidade). Assim, a dimensão moral e ética é essencial, já que um projeto de vida genuíno, segundo os autores, deve gerar impacto “para além do eu”. Ademais, é destacado que o propósito é o eixo integrador da identidade, dando sentido ao futuro e às ações presentes, devendo, o desenvolvimento educacional, formar sujeitos capazes de atuar com propósito, articulando valores e ação social.

Santos, Costa e Pasqualli (2023), destacam que a formação da família é um dos principais objetivos de vida mencionados pelos estudantes do Ensino Médio Integral. Para eles, constituir uma família é símbolo de maturidade, responsabilidade e reconhecimento social. A família também é fonte de identidade e pertencimento, funcionando como suporte emocional. Para estas autoras os valores têm no estudo a evidência de que os jovens valorizam respeito, honestidade, empatia e solidariedade. A escola é vista como lugar de reforço e reinterpretação desses valores. As autoras ressaltam o papel da educação integral na formação ética, favorecendo

o desenvolvimento moral e a responsabilidade social. Já o propósito juvenil é orientado para “ser alguém na vida”, alcançar autonomia e contribuir com a sociedade.

Vieira e Dellazzana – Zanon (2022) informam que a formação de família é vista como modo secundário, mas aparece nas falas das jovens como meta futura ligada à estabilidade emocional e financeira. O estágio é percebido como etapa de preparação para a autonomia, condição para poder futuramente constituir uma família de forma responsável. Os valores de responsabilidade, comprometimento, autoconhecimento e ética profissional emergem fortemente. O contato com o ambiente de trabalho reforça valores de disciplina, empatia e maturidade. A educação universitária é vista como espaço de formação moral e cidadã, além de técnica. Por fim, o propósito é profissional e existencial: as estudantes buscam encontrar sentido no que fazem, e o estágio é um “ensaio de propósito”.

Sales e Vasconcelos, (2016), destacam que a formação de família é vista como referência afetiva e aspiracional. Os jovens desejam formar famílias diferentes das suas com mais estabilidade e menos privações. Entretanto, as condições de trabalho precário e incerteza econômica dificultam transformar esse ideal em realidade. Os Valores são demonstrados quando a escola tenta inculcar a autonomia, responsabilidade e cidadania, mas muitas vezes entra em choque com os valores práticos da sobrevivência social. O discurso escolar de sucesso e mérito individual não dialoga plenamente com a realidade de desigualdade vivida pelos estudantes. Já o propósito é mediado pela educação: formar-se, conseguir um trabalho, ajudar a família. Entretanto, as autoras destacam a crise do propósito juvenil frente à precarização do mercado de trabalho: o “futuro promissor” prometido pela escola se torna incerto. A falta de perspectivas concretas gera desalento, mas também novas formas de propósito baseadas na resistência e na persistência.

Castilho, (2021), considera que a formação da família surge como núcleo de apoio e de vulnerabilidade ao mesmo tempo. Nas periferias, muitos jovens projetam formar família para “fazer diferente”, buscando estabilidade e reconhecimento social. O desejo de melhorar a vida dos pais e “dar orgulho à família” é um motor de motivação e projeto de vida. Os valores estão fortemente ligados à solidariedade, coletividade e superação. A experiência comunitária e religiosa fornece uma base ética distinta da visão meritocrática dominante. O respeito, o cuidado e a resistência são valores que organizam a vida cotidiana dos jovens. Contudo, o propósito é construído sob condições adversas: trata-se de resistir, sobreviver e ser reconhecido. Muitos jovens expressam o propósito de mudar suas trajetórias familiares e comunitárias, revelando dimensões políticas e afetivas, sendo emancipatório e coletivo, mais do que individual.

Em um estudo com educadores, Magliano e Arantes (2024), identificaram que o senso de propósito estava associado a um compromisso com o devir e o desejo de transformação social, o que envolvia uma "disposição de ação e luta" que nascia de um "incômodo com o mundo". Os autores revelaram que, de fato, a escola, ao valorizar a formação para a cidadania, pode contribuir para a criação de um Projeto de Vida ético, promovendo aspectos associados a uma forte referência à autotranscendência.

4. Políticas públicas governamentais

Costa e Alberto (2021) informam que os jovens egressos de medida socioeducativa integrantes do programa de acompanhamento (política obrigatória segundo o SINASE), percebiam que o programa proporcionou uma nova forma de vislumbrar a política institucional. A elaboração de novos sentidos foi percebida pelos pesquisadores como associada aos recursos viabilizados, tais como inserção em cursos profissionalizantes, o retorno à escola e a qualidade dos vínculos construídos com a equipe técnica. Nesse contexto, o estabelecimento de relações de confiança e o refletir sobre novas possibilidades de atuação, possibilitou aos jovens vislumbrar um projeto de vida voltado a uma nova trajetória, distinta daquelas que envolvem os jovens em conflito com a lei

Silva e Danza (2022) fazem uma crítica a ausência de orientações pedagógicas consistentes nas políticas públicas, o que leva as escolas a aplicarem o tema de forma superficial. Santos, Costa e Pasqualli (2023) atentam para a importância das políticas de juventude e educação integral, mas ressaltam a necessidade de sua implementação efetiva e devidamente contextualizada.

Vieira e Dellazzana – Zanon (2022) mencionam a Lei do Estágio nº 11.788/2008, que define o estágio como “ato educativo supervisionado”. Considera essa política positiva, pois integra educação e prática profissional, favorecendo o desenvolvimento do projeto de vida. Porém, reforça que é necessário que a política do estágio seja mais inclusiva e equitativa. (Sales e Vasconcelos, 2016), reconhecem os avanços das políticas de educação profissional, mas destaca que elas refletem a lógica neoliberal da “empregabilidade”, não garantindo inserção real no trabalho. As políticas ampliaram o acesso à formação técnica, mas não resolveram o desemprego juvenil nem promoveram igualdade de oportunidades. Castilho, (2021), destaca que as políticas públicas de juventude e educação raramente alcançam efetivamente os jovens da periferia. Aponta que as ações governamentais são insuficientes e descontinuadas, sem enfrentar as desigualdades estruturais (trabalho, moradia, violência).

Oliveira e Silva (2024), no que concerne às políticas educacionais reforçam que a inclusão do Projeto de Vida como componente curricular é decisão derivada de uma política pública resultante da BNCC e da Lei de Reforma do Ensino Médio, que carece de aprimoramento e avaliação por fomentar investimentos em habilidades individuais dos jovens, tais como capacitações em inovação, empreendedorismo e competências socioemocionais para que estes estejam aptos a competir, privilegiando o viés utilitário e economicista de sua formação.

Por seu turno, Lopes (2024) propõe uma crítica à BNCC e à reforma do Ensino Médio por terem sido impostas de maneira autoritária, alegando servirem, prioritariamente, aos interesses do mercado educacional privado. A consequente submissão da política relativa ao currículo aos resultados da avaliação, operando com o conhecimento a partir da sua coisificação, no entender da autora, favorece ideias de projeto e transformação social voltadas para o mercado de trabalho e associadas a valores de uma “educação positiva e empreendedora”, na tentativa de forjar subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou revisar a literatura acerca da temática Projeto de Vida, tendo a Educação como vetor de problematização, em um recorte temporal de dez anos. Com base nos achados, pode-se argumentar que a construção de projetos de vida tende a abordar os aspectos subjetivos da juventude e refletir acerca dos obstáculos que atravessam as trajetórias dos sujeitos sociais referenciados no campo educacional. Assim, a escola, como instituição formativa, poderá vir a direcionar o trabalho didático dos professores para o autoconhecimento, pensamento crítico e construção de sentidos e significados, na medida em que se propuser a buscar uma articulação entre as práticas de ensino e as condições de vida dos jovens estudantes.

Os estudos analisados apontam ser necessário que o ambiente escolar reconheça a pluralidade das práticas sociais entre os jovens, proporcionando-lhes instrumentos capazes de ampliar seus horizontes, gerando autonomia e permitindo projetos viáveis que sejam consistentes com o contexto vivido. Nesse sentido, a discussão de Projetos de Vida através da educação destaca o sentido de um currículo sensível às diversidades e vinculado a dimensões como identidade, motivações, desafios contextuais e participação social.

Assim, as pesquisas apontam que a escola deveria ser vista como um local de encontro entre o desejo e o real, onde os jovens não apenas sonham com o que é possível se tornarem, mas também identificam, a partir do estímulo institucional, caminhos pelos quais esses sonhos podem ser transformados em ações. Um espaço onde haja lugar para o engendramento de propósitos que articulem o pessoal, o profissional e o ético, permitindo-se apresentar-se como

vetor de emancipação e desempenhando um papel mediador na construção de propósitos individuais e coletivos.

Nesse sentido, argumenta-se que a construção do Projeto de Vida, um processo dinâmico para os jovens e intimamente ligado à busca por identidade, interesses e motivações, também pode ser observado como uma intenção de realizar algo próprio que transcenda o interesse individual e que confira sentido e significado às escolhas diárias e futuras.

Os estudos analisados sustentam que o impacto da escola como instituição socializadora na mediação do Projeto de Vida é determinante, mas ambivalente. Embora a inclusão curricular do Projeto de Vida no Ensino Médio tenha sido vista como um espaço legítimo para a reflexão de desejos e aspirações, críticas apontam para uma implementação prática muitas vezes marcada por um foco excessivamente instrumentalista ou técnico. Essa ambivalência, importante assinalar, impacta as jornadas dos jovens, em especial das classes populares, em geral, marcadas por uma tensão constante entre as aspirações individuais, frequentemente centradas na família e carreira, e a instabilidade e imprevisibilidade de suas condições materiais de existência, que desafiam a formulação de planos de longo prazo.

Os estudos analisados possibilitaram desvelar ainda que a dimensão de valores, propósito e família configura o eixo central sobre o qual o Projeto de Vida se apoia. O desejo de constituir uma família é visto como um dos domínios de realização, simbolizando estabilidade e reconhecimento social. Mais amplamente, pode-se observar que Projetos de Vida tende a ser construídos a partir de um sistema ético alinhado à ação social, gerando um impacto "para além do eu".

16

Ao fim e ao cabo, observou-se que, por estar profundamente ligado ao repertório de possibilidades percebidas, o Projeto de Vida deveria apresentar-se como uma bússola balizadora de um processo não linear, um recurso no enfrentamento de desafios e incertezas que demandam não apenas o planejamento de aspectos individuais, como a profissionalização e a formação de uma família, mas também o engajamento em um devir social que abranja a cidadania e a transformação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr. 2015.

ARANTES, Valéria Amorim; PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães. Projetos de vida de jovens brasileiros: identidades e valores em contexto. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 38, 2021. e200012.

CASTILHO, Rosane. Juventudes, periferia, projeto de vida e futuro: notas de pesquisa. **Caderno Pedagógico**, v. 7, n. 1, p. 1104-1128, 2021.

COSTA, Cibele Soares da Silva.; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Projetos de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e221808, 2021.

FRANCISCO, Antônio Marcos; LOPES, Roseli Esquerdo. Projeto de vida e juventude: uma reflexão a partir da noção de vocação e destino. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 18, n. 1, p. e653555, 2024.

KLEIN, Ana Maria.; ARANTES, Valéria Amorim. Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 135-154, jan./mar. 2016.

LOPES, Alice Cassimiro. Ensino médio: Criando um projeto moral para gerenciar o futuro dos jovens. **Cadernos de Pesquisa**, v. 54, e111191, 2024.

MAGLIANO, Andreia; ARANTES, Valéria. Projetos de Vida Éticos de Professores e seus significados afetivos. **Psicologia USP**, v. 35, e210097, 2024.

MENDONÇA, Érika Sousa; MOURA, Renata Paula dos Santos; GAIA, Stellamary Brandão Rodrigues e MENEZES, Jaileila de Araújo. Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 230-248, jan. 2018.

OLIVEIRA, Luthiane Myszac Valença e SILVA, Roberto Rafael Dias. Ensino médio e a construção dos projetos de vida das juventudes: uma análise a partir do currículo e das narrativas dos sujeitos. **Cadernos de Educação**, n. 68. UFPEL, p. 101-125, 2024

PAIS, José Machado. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 75, p. 267-280, 2012.

SALES, Celecina Veras; VASCONCELOS, Maria Aurilene de Deus Moreira. Ensino Médio Integrado e juventudes: desafios e projetos de futuro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 69-90, 2016.

SANTOS, Marinara Cabral dos; COSTA, Vanessa Pereira; PASQUALLI, Roberta. Identidade e projeto de vida: dilemas das juventudes. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 15, p. 281-296, 2023.

SILVA, Marco Antônio Morgado da; DANZA, Hanna Cebel. Projeto de vida e identidade: articulações e implicações para a educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 38, e35845, 2022.

VIEIRA, Gabriela Pagano; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Estágio extracurricular e projetos de vida: percepções de estudantes universitárias. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, e233762, 2022.